

DA GARATUJA À ESCRITA INFANTIL

FROM GUARANTEE TO CHILD WRITING

Ivan Vale de Sousa 1

Resumo: Neste trabalho, os primeiros esboços comunicativos das crianças são tomados como objetos de investigação e compreensão simbólica significativa à luz do grafismo infantil, realizado no contexto da educação infantil e no entendimento dos diferentes níveis de escrita a partir de algumas reflexões necessárias. Nesse sentido, cada parte desta investigação está inserida nos seguintes objetivos: discutir a importância do desenho nas turmas de alfabetização na educação infantil; compreender os significados nos traçados das crianças e refletir como as garatujas são capazes de comunicar, como devem ser as estratégias no desenvolvimento dos níveis de escrita no processo de ensino e aprendizagem das crianças na problematização dos diferentes contextos de sala de aula. Sendo assim, este estudo é composto de análises bibliográficas, com fins reflexivos, pois, colocam em destaque como nasce o processo de desenvolvimento da escrita nas crianças e, mais ainda, amplie o olhar docente direcionados aos trabalhos infantis.

Palavras-chave: Educação Infantil. Desenho. Alfabetização. Garatujas.

Abstract: In this work, the first communicative sketches of children are taken as objects of investigation and meaningful symbolic understanding in the light of children's graphics carried out in the context of early childhood education and in the understanding of the different levels of writing based on some necessary reflections. In this sense, each part of this investigation is inserted in the following objectives: to discuss the importance of drawing in literacy classes in early childhood education; understand the meanings in the children's outlines and reflect how the doodles are able to communicate how strategies should be developed in the development of writing levels in the children's teaching and learning process in the problematization of different classroom contexts. Therefore, this study is composed of bibliographic analyzes and for reflective purposes, as they highlight how the process of writing development in children is born and, even more, contribute in the expansion of the teaching view of child labor.

Keywords: Child Education. Drawing. Literacy. Doodles.

Introdução

A escrita no processo de desenvolvimento da criança é repleta de questões que exigem dos educadores um olhar atento, principalmente, como ela se torna capaz de expressar o pensamento infantil por meio da escrita. Assim como o desenvolvimento da criança é constituído de fases, os níveis de escrita e sua aquisição também o são, por isso que os desenhos são fundamentais no processo de construção do imaginário infantil e da proposta simbólica das crianças.

Os primeiros rabiscos produzidos pelas crianças revelam muito sobre suas etapas de acesso ao conhecimento, de suas experiências com o mundo da palavra, da apropriação da escrita e da leitura, uma vez que é, justamente, por intermédio do desenho que elas expressam suas necessidades, sonhos e anseios, além de revelarem muito de suas identidades e experiências sociais em fase de construção. Nessas experiências, constroem uma escrita própria e capaz de comunicar ao outro o que entendem.

Quem nunca ouviu falar das chamadas garatujas? Pois é, elas simbolizam o passaporte da criança para o mundo enigmático, encantador e necessário das habilidades de escrita e leitura, pois a importância de enxergar nesses primeiros desenhos as possibilidades de desenvolvimento da criança nas fases da educação infantil no processo de alfabetização é questão necessária para que se pense nas estratégias de ensino.

Estas reflexões colocam em destaque como as crianças conseguem se expressar por meio da produção das garatujas realizadas no primeiro contato com o mundo escolarizado, isto é, com a escrita. Para isso, este trabalho se divide em duas partes reflexivas, a saber: na primeira, o desenho e os grafismos realizados são compreendidos como linguagem da criança na escola, já na segunda parte, as garatujas são discutidas como partes constituintes do desenvolvimento dos níveis da escrita e na escolarização da criança. Além disso, na parte final desta investigação são apresentadas algumas convicções da arte de inserir as crianças no mundo letrado.

Assim, a linguagem não verbal (desenhos, rabiscos e garatujas) inserem a criança na política transformativa e cidadã da escola, oferecendo as possibilidades de desenvolvimento do saber que precisa ser formulado na infinidade de significações e na elaboração do pensamento infantil.

O desenho infantil como linguagem para a criança

O contexto de realização da linguagem está repleto de significados, oferece inúmeras leituras, análises e problematizações que ampliam o processo de interação do ser humano. O homem como ser sociável e comunicativo interage por meio das diferentes linguagens, como a verbal, a não verbal e a sincrética.

A linguagem não se realiza no acaso, mas, estrutura-se a partir das necessidades do ser humano, sendo que o homem se constitui como parte da linguagem e constitui a própria linguagem. Nela o sujeito promove um processo de organização, reorganização das inerentes ações e propósitos que o colocam como parte fundamental da língua em ação, isto é, das diferentes adequações requeridas pelos mais variados contextos e pelas experiências dos sujeitos.

Nesse percurso de realização e compreensão da linguagem se encontra a criança como ser em desenvolvimento e construção gradual do conhecimento. Nesse sentido, o desenho, por exemplo, revela parte das experiências da criança, demonstra seu estado psicológico e serve como forma de investigação ao mundo enigmático vivido por ela.

Ao se enxergar diante de uma folha em branco, a criança tem a oportunidade de expressar como o acesso aos contextos sociais e formativos são construídos por meio do grafismo infantil. Esse grafismo está mais presente nas etapas de alfabetização em que o conhecimento de mundo vai sendo formulado e reformulado, aos poucos, nos grupos e pares que a criança se sente mais à vontade, visto que o desenho infantil revela muito mais do que a própria criança é capaz de se expressar oralmente.

Direcionando uma atenção especial ao grafismo infantil é possível perceber que os modos espontâneos e de orientação à criança perpassam por um processo de evolução e sequência. Quando a atividade não se torna mais desafiadora e prazerosa para a criança, o desinteresse é demonstrado com um tom de realidade, por isso todas as atividades devem ser desafiadoras e motivacionais para que a criança as desenvolva de maneira a contribuir com seu desenvolvimento.

A criança em desenvolvimento não simboliza uma miniatura de uma pessoa adulta, visto

que o adulto já tem suas inúmeras experiências e frustrações, deferentemente da criança que está sendo apresentada, aos poucos, aos múltiplos desafios do processo alfabetizador e das questões do mundo.

A proposição do grafismo nas turmas de alfabetização apenas reafirma que as crianças já têm conhecimento de como a língua na modalidade escrita se efetiva. É preciso conceber a criança como um nativo da própria língua, de fato, elas já sabem sobre a língua, basta observar como dialogam nos intervalos das aulas, claro que não é o conhecimento a nível de alguém com vastas experiências, mas conhecem muito sobre a língua em que são continuamente partes da interação.

A criança, por sua vez, como ser em desenvolvimento aprende em boa parte pela espontaneidade e pelo processo de orientação estruturado de propósitos e significados. Logo, o desenho é uma forma de linguagem que a atrai e lhe possibilita expressar-se.

Quando a intenção é desenhar, as crianças constroem figuras; se a intenção é escrever, elas fazem traços contínuos, esses traços se apresentam como linhas onduladas, serrilhadas ou ainda, uma combinação das duas possibilidades. Além de representar nomes, as marcas gráficas ainda servem para representar histórias. (SEBER, 1997, p. 19)

O que aos olhos experientes de um adulto o grafismo infantil pareça desordenado, para a criança é cheio de significados, pois somente por meio de um processo simbólico as crianças constroem nos seus desenhos uma cartografia visual de como enxergam o mundo e os contextos nos quais estão inseridas.

A relevância do desenho nas turmas de alfabetização traz muito mais que apenas uma simples forma de manter as crianças ocupadas, porque a arte de desenhar, de esboçar, de criar situações e contextos traz, sobretudo em cada grafismo um passo para a desenvoltura escolar e para a cognição do desenvolvimento das aprendizagens, além disso, os grafismos produzidos trazem consigo um contexto de realização por revelar as diferentes maneiras como os pequenos enxergam o mundo.

Os esboços comunicativos denominados de grafismos infantis são capazes de revelar muito mais sobre o mundo da criança do que a simples noção adquirida pelo adulto. Independentemente de quais contextos e propostas de ensino nos quais as crianças estejam inseridas, todas elas passam pelo processo de construção e reconstrução da realidade, ou seja, uma realidade que são apenas delas, um mundo, unicamente, criado e habitado por elas.

Por serem esboços comunicativos, os desenhos das crianças revelam, por exemplo, o estado emocional que elas se encontram e que as levaram a criar determinados rabiscos. Ao professor compete a missão de compreender o que está por trás da linguagem não verbal e verbal demonstradas pelas crianças, vistas como sujeitos em formação, realizam-se pela linguagem para demonstrar seus anseios, sonhos, limites e frustrações.

Há significados que apenas as crianças são capazes de atribuir aos seus desenhos. Alguns dos esboços comunicativos, neste caso, os rabiscos comunicam e expressam sentimentos, porque a “criança incorpora suas manifestações expressivas: canta ao desenhar, pinta o corpo ao representar, dança enquanto ouve histórias, representa enquanto fala” (DERDYK, 2003, p. 13).

As representações do desenho infantil são as primeiras marcas do processo de escrita. Nelas as crianças demonstram o mais sincero de seu íntimo, sua inocência e suas aspirações com o enigmático mundo da escrita, dado que os diferentes e variados estilos de grafismos infantis se constituem como “atividade absorvente que conjuga, numa nova forma, o pensamento, o sentimento e a percepção” (LOWENFELD, 1977, p. 14) que elas têm do mundo que as cercam.

À luz da compreensão do grafismo infantil produzido pela criança existe todo um processo global de simbologia. Os desenhos infantis ou rabiscos são capazes de colocar a criança diante de um espelho metafórico, dizem o que elas não conseguem ainda comunicar, expressam exatamente o que gostariam de dizer, mas, devido ao nível de conhecimento não sabem ainda como dizê-lo e acreditam plenamente que por intermédio dos desenhos seus interlocutores compreenderão o que gostariam de dizer da maneira como somente elas sabem fazer.

O ato de dizer para as crianças na fase de alfabetização, muitas vezes, é representado pelo

grafismo que simula nas atividades escolares e extraescolares as propostas de ensino, orientadas ou espontâneas, por isso, existem alguns desenhos que somente conversando com a própria criança que é possível compreender o que está sendo revelado.

Como linguagem capaz de comunicar, o desenho da criança traz uma carga simbólica muito grande para seu processo de ensino e aprendizagem, porque por trás de um grupo de pequenos rabiscos ou grafismo infantil como se queira denominar há um processo histórico e evolutivo da aquisição da linguagem pela criança.

Os primeiros traços realizados pela criança não estão inseridos em um propósito de estética, porém, servem para expressar e inferir registros à sua marca, pois mesmo que ainda não estabelecido seu processo de escrita, a criança é capaz de atribuir nomes, contextos e falar de suas narrativas compreendidas unicamente por elas, daí a função do professor é a de acompanhá-la com algumas intervenções quando se fizerem necessárias.

Quando se discute a importância do desenho no processo educativo da criança, poucas são as discussões que inserem as que apresentam alguma deficiência, como se a criança com necessidades educativas especiais não fosse capaz de produzir e atribuir significados aos seus grafismos. Todas as crianças passam pelas mesmas fases, algumas com mais desenvoltura, outras com um pouco mais de dificuldade, mas no final de tudo, todas são crianças com os mesmos anseios e expectativas.

Não se enfatiza, nesse sentido, que o desenho infantil deva ser a única proposta de atividade nas turmas de alfabetização, mas o processo de aprendizagem passa pela organização da linguagem não verbal em um contexto e prática de reorganização com a linguagem verbal, sendo, pois, a escrita propriamente dita.

É necessário entender os caminhos paralelos do desenvolvimento dos desenhos na projeção da escrita das crianças, visto que todo processo de aquisição da escrita envolve a apropriação de um sistema simbólico de representação, a começar pelo nosso alfabeto. O entendimento desses trajetos e paralelos é que os grafismos infantis levam a criança a se desenvolver além da coordenação motora na construção da linguagem verbal.

Se compreendêssemos o desenho infantil como uma importante fase do desenvolvimento da criança e sua inserção no contexto da alfabetização como ponte de acesso ao saber, compreenderíamos o quanto são necessários, simbólicos, significativos e reveladores de possíveis estratégias a serem desenvolvidas e adotadas no fazer pedagógico de ensino da criança.

No desenho realizado pela criança há seu ponto de vista que “está muito mais próximo dos aspectos figurativos da realidade e do símbolo, enquanto a escrita está próxima dos aspectos operativos – não ligados às configurações dos objetos, mas às suas transformações – e os dos signos e sinais que são arbitrários” (PILLAR, 1996, p. 17).

O desenho como linguagem é revelador, constitui-se como sistemas de representação, porque a criança ao desenhar demonstra o que sabe, o que entende e o que tem vivenciado, isto é, consegue por meio da representação simbólica falar e descrever sua própria realidade e de revelar sua concepção de mundo em um processo de constituição.

E os grafismos infantis são as primeiras manifestações de um contínuo processo de escrita que serão desenvolvidos pela criança na sua vida escolar. Algumas apresentam maior desenvoltura na realização das atividades propostas no contexto da sala de aula, outras demonstram um pouco mais de dificuldade o que não representa que não avançarão também. Assim, os primeiros desenhos infantis estão longe de alcançar um padrão de precisão e estética, mas estão imersos em contextos simbólicos de significados, porque fazem parte da linguagem infantil.

Considerar o tempo de realização e valorizar a individualidade da criança em produzir, comunicar por meio do desenho significa aproximar teoria e prática de sala de aula, pois algumas dessas realizações infantis “elaboram a figura-girino precocemente, antes mesmo de alcançar uma precisão perceptivo-motriz suficiente que lhe permita traçar uma figura fechada [...] enquanto outras chegam a isso mais tarde [...]. Precisão e concepção não caminham juntas” (GREIG, 2004, p. 38).

Os desenhos produzidos pelas crianças com e sem deficiência, mesmo em estágio inicial revelam muito do que elas pretendem com o processo de ensino e aprendizagem, remodelizam as estratégias de ensino, problematizam o currículo e comunicam a partir de sua função de dizer o dito, de transformarem uma linguagem não verbal em um contexto de produção, por isso,

compreender as etapas do processo de aquisição da linguagem tornam-se questões sempre novas a serem investigadas e respondidas.

As garatujas e suas transformações na escrita infantil

Uma das possíveis respostas ao que precisa ser olhado na realização das garatujas no processo de ensino e aprendizagem é que elas representam marcas das maneiras de escrita que a criança começa a adquirir. Além disso, as garatujas enquadram-se em um contexto de ideias em que os traçados são capazes de comunicar os caminhos a serem percorridos pelas estratégias de aprendizagem.

Inconcebível é pensar as metodologias de ensino e aprendizagens com as crianças em contextos de alfabetização sem considerar a relação delas com a linguagem produzida por meio dos rabiscos e as garatujas simbolizam o passaporte para a inserção delas no contexto alfabetizador.

As garatujas fazem parte do desenvolvimento motor e sensorial das primeiras experiências das crianças nos contextos formais e não formais de ensino que pode se estender até os quatro anos, embora algumas crianças vão além desse tempo. Desse modo, “esses traços iniciais configuram uma *primeira escrita* em imagens, em que persiste uma falta de destreza e habilidades manual para realizar uma figura socialmente legível” (LEVIN, 1991, p. 120, grifos do autor).

Os pesquisadores Lowenfeld e Brittain (1977) estudaram as garatujas e as classificaram em três categorias: garatuja desordenada, garatuja controlada e a garatuja com atribuição de nomes. As garatujas desordenadas iniciam-se quando a criança rabisca o papel não prestando muita atenção nas linhas e nas direções, constituindo-se por movimentos aleatórios; nas garatujas controladas a criança demonstra controle ao movimentar o lápis no papel e os traços são observados para não ultrapassarem a base do papel; já a garatuja com atribuição de nomes, a criança nomeia seus desenhos com uma identidade própria que, às vezes, somente ela é capaz de explicar, de colocar sentidos na produção.

Ao garatujar no papel, as crianças dão formas às suas convicções e compreensões da realidade e mostram seus mundos. Utilizam-se desses traçados para dizer como compreendem determinadas situações, como inserem-se em variados contextos e como demonstram como os conhecimentos estão sendo construídos por elas. Sendo assim, considerar que as garatujas são marcas comunicativas da linguagem significa entender que as crianças pertencem a um mundo que ora transita entre a simbologia, ora se insere no plano da realidade.

Embora, tenha sido, exatamente, na década de 1970 que os rabiscos, denominados garatujas tiveram ampliadas as discussões por intermédio da pesquisadora Rhoda Kellog, quando percebeu certas irregularidades nas produções de crianças nos primeiros anos escolares, pouco ainda se tem destinado reflexões no campo da linguagem nas turmas de alfabetização e da educação infantil.

Diante das observações, Kellog mapeou vinte tipos de rabiscos de crianças nos quais foram perceptíveis que eles apresentavam uma combinação a partir de seis diagramas básicos: círculo ou oval, quadrado ou retangular, triangular, cruz ou formato de X, além de formas irregulares na construção das garatujas, conforme podem ser observadas na Figura 1, abaixo.

Figura 1: Mapa de Rabisco



Fonte: Revista Nova Escola (2009).

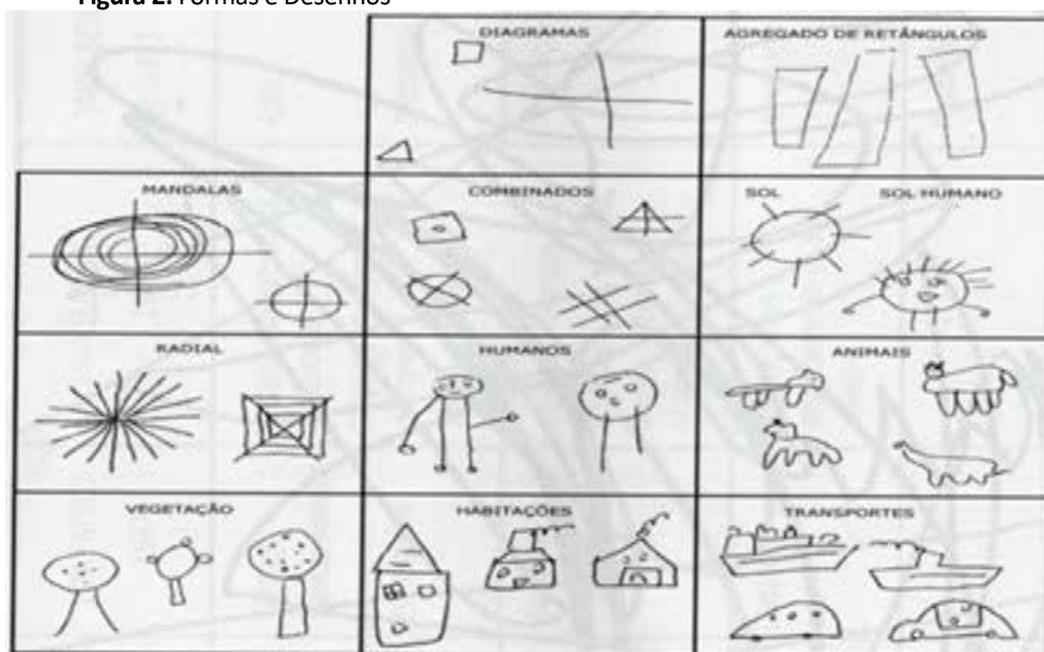
Os rabiscos investigados por Kellog partem das vinte maneiras como a criança é capaz de implementar na criação de seus primeiros traçados, criando um conjunto de significados pela função simbólica do que se pretende demonstrar, visto que os desenhos das crianças não acontecem no acaso, sempre têm um porquê e múltiplos sentidos que estão latentes por trás do desenho infantil.

Interpretar os desenhos ou as garatujas das crianças implica compreender como as experiências escolares e familiares estão sendo significativas para o processo de aquisição da linguagem e da inserção da criança no mundo da escrita. De certo modo, as garatujas simbolizam os primeiros modelos de escritas primárias construídos por elas que se desenvolverão em letras e sinais gráficos do nosso sistema alfabético.

Como primeiras marcas da escrita, as garatujas fazem parte do processo de ensino e aprendizagem de qualquer criança. Passar por essa fase significa considerar as etapas de desenvolvimento global infantil em contrapartida aos vitoriosos desafios do processo de ensinar e aprender, justamente porque “as garatujas se tornam então mais elaboradas e, com frequência, a criança descobrirá, muito entusiasmada, certas relações entre o que desenhou e alguma coisa em seu meio” (LOWENFELD; BRITAIN, 1977, p. 120).

Com o passar do tempo, os desenhos das crianças não permanecem os mesmos e nem obedecem ao um único traçado, visto que quando incentivadas, as transformações podem ser perceptíveis nos desenhos infantis. Há diferentes fases pelas quais a criança passa e essas fases devem ser observadas e pontuadas como significativas, conforme é possível compreender nos desenhos da Figura 2, abaixo.

Figura 2: Formas e Desenhos



Fonte: Revista Nova Escola (2009).

Na Figura supramencionada, pode-se compreender a realização da terceira etapa do processo de criação das garatujas pelas crianças, isto é, com atribuição de nomes, nela os conjuntos de desenhos escolhidos denotam uma representação do mundo real entendido por elas, tanto do plano de planejamento quanto do contexto de elaboração.

Nesta fase de compreensão das garatujas boa parte dos desenhos está relacionada à noção realística que já possuem e das poucas experiências que estão sendo construídas no processo de ensino e aprendizagem. Há um encontro entre as concepções de mundo com o mundo simbólico da criança.

À luz da fase dos desenhos com a atribuição de nomes, as crianças começam a revelar um contexto de experiências, mesmo estando em construção, mas, realizam o que sabem sobre o meio que a cercam e, por meio dos desenhos criam, recriam, planejam as visualidades dos diferentes grafismos infantis, carecendo de múltiplas leituras simbólicas por parte do professor como agente mediador e orientador.

Ao desenharem as crianças criam. Ao criarem as crianças desenharam e expressam formas diferentes de enxergar o mundo que se enriquecem de forma progressiva, por isso a função do professor vai muito além de orientar, mas, principalmente de investigar como os desenhos revelam a simbologia de seus desenhos.

[...] o papel que desempenham o professor e os pais torna-se muito valioso para ajudar a criança a desenvolver essas atitudes. A professora do jardim de infância está numa posição excelente para proporcionar a oportunidade de a criança progredir, por meio de suas experiências artísticas, para ajudá-la a desenvolver confiança e a sensibilidade imprescindível à auto expressão e para proporcionar-lhe toda a gama de materiais e a atmosfera favorável às atividades criativas. (LOWENFELD; BRITAIN, 1977, p. 144)

Realizar todas as etapas do grafismo infantil no processo de construção de saber das crianças constituem-se como fases fundamentais no desenvolvimento global infantil. Além disso, por mais que as atividades com desenho na educação infantil sejam e, de fato, são significativas, as propostas de ensino não devem enxergar na elaboração e no manuseio do desenho uma forma de preencher lacunas no processo de aprendizagem das crianças, devem, portanto, partirem de propostas planejadas, ou seja, saber por que motivos os desenhos são bem-vindos em determinados

contextos de investigação e de construção do saber.

Os desenhos quando inseridos de maneira planejada nas primeiras fases da educação infantil e do processo de alfabetização possibilitam o contato da criança com os suportes de textos, por mais que os desenhos não tragam frases, palavras ou pequenos textos, mas ainda assim constroem um plano discursivo a partir da sequência dos desenhos.

Associar o uso dos desenhos ao processo de ensino e aprendizagem da criança significa possibilitar-lhe que, aos poucos, construa os conhecimentos sobre os níveis esperados da escrita. A criança quando acolhida nos primeiros anos na escola já traz uma experiência de escrita, talvez não seja a escrita esperada pelos professores, mas suas experiências familiares e dos contextos que tem vivenciados antes da instituição escolar.

Sobre a evolução da escrita e sua compreensão, as pesquisadoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1986) fizeram uma descrição dos níveis evolutivos da aquisição da escrita pela criança, tomando como suporte a teoria Psicogenética de Jean Piaget (1978), formulando hipóteses referentes ao código a partir de quatro níveis de desenvolvimento da escrita: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético.

Em síntese, os níveis de escrita podem assim ser explicados: no nível *pré-silábico* a criança não estabelece vínculos entre a fala e a escrita, por isso faz uso das garatujas para escrever, associando o tamanho do objeto à quantidade de letras (garatujas), além de usar letras e números aleatórios no processo de escrita.

Já no nível *silábico*, a criança cria hipóteses de que a escrita representa a fala, atribuindo para cada marca da oralidade uma grafia específica e nas frases pode denominar cada letra como sendo uma palavra, além disso, demonstra conhecimento em boa parte das letras que compõem o alfabeto e, vez por outra, tenta fonetizar a produção escrita, dando-lhe um valor sonoro.

No nível *silábico-alfabético*, a criança compreende que as palavras trazem em sua composição sílabas e cada uma delas possui uma fonética própria, embora, não consiga ainda grafar todas as palavras corretamente. Por fim, no nível *alfabético*, compreende o sistema de escrita e cada letra apresenta um valor sonoro menor que a sílaba, podendo dominar ou não as convenções ortográficas, realiza a leitura com ou sem o auxílio de imagens, separa palavras quando escreve frases, consegue segmentar as palavras em determinadas frases e produz pequenos textos.

O maior mérito de estudo dos níveis de escrita é, sem sombra de dúvidas, a ênfase à hipótese *Silábica* “porque: a) se supera a etapa de uma correspondência global entre forma escrita e a expressão oral (recorte silábico do nome); [...], b) pela primeira vez a criança trabalha claramente com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1986, p. 193).

Ao dizer que a criança se encontra alfabética, diz-se que está alfabética no nível estrito, pois algumas incoerências ainda podem ser percebidas no seu processo de escrita, por exemplo, na grafia correta de algumas palavras, porque a criança ainda está em processo de aprendizagem. Além disso, a criança começa a utilizar como modelos ideais de escrita os textos que lhe são propostos e que nem sempre a escrita é uma marca representativa da forma como ela se expressa.

A criança já consegue reconhecer, sucintamente, que há dois contextos: um da fala e o outro da escrita, por isso, ao oferecer diferentes construções sintáticas é importante orientá-las quanto ao contexto de realização do texto que está sendo investigado por ela.

Sendo assim, “as crianças, ao iniciarem a aprendizagem da escrita alfabética, começam também a analisar a estrutura interna das sílabas, reajustando suas representações fonológicas de forma a acomodar os constituintes das sílabas e sua hierarquia” (ABAURRE, 1999, p. 179).

É comum também na realização da escrita e, principalmente, da leitura a criança querer realizar em determinadas sequências de palavras e frases um processo de adivinhação do que venha a ser o termo seguinte e, mais ainda, quando os pequenos textos estão associados às imagens. Assim, retornar sempre que necessário o processo de escrita e leitura em uma proposta reflexiva implica colocar a criança diante de suas convicções e hipóteses dos níveis de desenvolvimento da escrita.

Considerações Finais

Neste trabalho foram apresentadas algumas questões em torno do desenvolvimento da

escrita no processo de aprendizagem da criança que tiveram como finalidades estimular reflexões sobre como as crianças escrevem, por que escrevem, para quem escrevem e como são incentivadas para tal ofício.

Junto ao trabalho com a escrita nos primeiros anos de educação da criança encontra-se também a efetivação do processo leitor. A escrita e a leitura da criança estão determinadas pelas estratégias utilizadas pelo professor, bem como das oportunidades do conhecimento de textos autênticos e contextualizados, pois são os textos oferecidos que servirão de protótipos para que todas as crianças realizem suas próprias descobertas no trabalho com o texto, fala de seus mundos nos textos e os utilize como porta-vozes da interação.

As questões propostas neste estudo não estão fechadas aos inúmeros questionamentos, mas flexíveis para que outras reflexões semeiem o fértil terreno das discussões e contribuam com a função de pensar como o desenvolvimento da escrita na vida da criança é determinante e varia de criança para criança, o que não desconsidera colocar em destaque aquelas que apresentam alguma necessidade educativa especial. É preciso, ainda, compreender que cada criança tem um ritmo próprio e pode estar associado aos incentivos que a família realiza no processo de ensino e aprendizagem.

Discutiu-se também que os diferentes grafismos infantis comunicam muito mais sobre as experiências que as crianças trazem para o contexto da sala de aula e que as garatujas representam os primeiros passos de acesso à escrita. Além disso, é preciso enxergar nas garatujas um processo simbólico e rico de significados para as crianças e para seu desenvolvimento cognitivo, social e educativo no mundo escolarizado.

O processo de aprendizagem na alfabetização não se realiza apenas com a efetivação de práticas no contexto da sala de aula, mas no compartilhamento dessas práticas associadas às teorias que embasam a construção do saber, bem como a utilização de métodos que realmente funcionem, pois não há processo educativo sem a utilização de métodos que trazem para o centro do debate as questões das crianças em aprender de maneira global.

Por fim, entende-se que a escrita da criança passa por um longo processo de desenvolvimento, saindo dos rabiscos para o grafismo infantil, para a elaboração das primeiras garatujas até se estruturar como escrita alfabética, encaminhando a criança no longo e contínuo processo de descoberta para que se torne um sujeito letrado capaz de enxergar no texto as mesmas razões que o levaram a levantar seus questionamentos.

Referências

ABAURRE, Maria Bernadete. Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita. In: LAMPRECHT, Regina Ritter. (Org.). **Aquisição da linguagem**: questões e análises. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho?** Desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 2003.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed: 1986.

GREIG, Philippe. **A criança e seu desenho**: o nascimento da arte e da escrita. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LEVIN, Esteban. **A garatua como vestígio das letras**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1991.

LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LOWENFELD, Viktor. **A criança e sua arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PILLAR, Analice Dutra. **Desenho e escrita como sistemas de representação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

REVISTA NOVA ESCOLA. **Rabiscos e ideias**. Edição 228, dez. 2009. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/rabiscos-ideias-desenho-infantil-garatuja-evolucao-cognicao-expressao-realidade-518754.shtml>. Acesso em: 11 fev. 2020.

SEBER, Maria da Glória. **A escrita infantil**. São Paulo: Scipione, 1997.

Recebido em 17 de fevereiro de 2020.

Aceito em 23 de março de 2020.